



GT 35. Entre arte e política: articulações contemporâneas em pesquisas antropológicas

Coordenador(es):

Vitor Pinheiro Grunvald (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Glauco Batista Ferreira (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Em continuidade às reflexões desenvolvidas em Grupos de Trabalhos nas Reuniões de Antropologia do Mercosul e em Simpósios de Pesquisas Pós-Graduandas nos Encontros Anuais da ANPOCS, este grupo de trabalho se foca nas relações entre arte e política, pensando-as a partir dos diferentes modos pelos quais as articulações entre estas esferas se engendram de modos distintos e se expressam nos cenários sociais contemporâneos. Pensar a arte em seus efeitos políticos e refletir sobre a política através de ações, de objetos, de imagens e performances artísticas tem sido uma constante em diferentes pesquisas realizadas no campo das ciências sociais e especialmente no campo antropológico nos últimos anos. Propomos acolher investigações que refletem sobre agências através de imagens, materialidades, objetos, trabalhos realizados a partir de performances e de expressões e práticas corporalizadas, de práticas de organização coletiva e de ações e mobilizações sociais que apontam o rico potencial transformativo dessas formas sociais que são ao mesmo tempo artísticas e políticas. Dessa maneira, incentivamos a submissão tanto de trabalhos que problematizam as relações entre arte e política em suas intersecções com marcadores sociais da diferença quanto pesquisas que exploram como as maneiras pelas quais a prática etnográfica se dá nos interstícios de práticas artísticas.

"Dorem não catalogadas": fotografia, violência e colonialidades a partir do arquivo

Autoria: Alfredo M. Pontes (Laboratório de Antropologia Visual em Alagoas)

"Em 1844, dois indígenas Botocudos do Brasil são trazidos para França por Marcus Pöppe para ficar em Paris por alguns meses. Foram batizados de Manuel e Marie pela imprensa e despertaram o interesse dos antropólogos do Museu de História Natural. Werner, pintor do museu, fez seus retratos em aquarela, enquanto Thiesson fotografou-lhes usando um daguerreótipo. Também fizeram parte de uma sessão de moldagem no laboratório de antropologia. Os daguerreótipos que nos restam hoje da sessão de fotografia nos mostram duas pessoas com a parte de cima do corpo nu e a parte de baixo com roupas que parecem ser europeias." Esta descrição foi feita em 2012 pela curadora da coleção fotográfica do museu francês Quai Branly das primeiras cinco imagens de indígenas do Brasil. Através da narrativa de um arquivo institucional, proponho-me a refletir acerca da violência na qual se dão os processos fotográficos, neste caso as imagens feitas pelo francês E. Thiesson do casal indígena Nacnenuck. Por isso, a partir deste recorte, questiono a forma e as condições que estas imagens foram feitas. Questiono também as estruturas que levaram a essa construção. Questiono, inclusive, a minha autoridade enquanto antropólogo e artista em expor estas imagens nesta pesquisa. Como, na antropologia, fazer uma representação - visual ou não - não-violenta, se a matriz da disciplina por si só é violenta?

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: